

A CRÍTICA ANTICAPITALISTA E O NOVO ESPÍRITO DO CAPITALISMO

THE ANTICAPITALISTIC CRITIC AND THE NEW SPIRIT OF CAPITALISM

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. **O novo espírito do capitalismo**. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2009. 701 p.

Alyson Thiago Fernandes Freire¹

“O novo capitalismo é um sistema de poder muitas vezes ilegível”
Sennett, 2005, p. 10

Desde meados da década de 80, a sociologia francesa vive um momento de vibrante fertilidade e renovação teórica na esteira do que poderíamos intitular de uma reação crítica e produtiva à sociologia de Pierre Bourdieu (VANDENBERGHE, 2005). Nas últimas décadas, novas perspectivas, experimentos e programas de investigação ganharam o palco principal das Ciências Sociais na França². Reunidas, com alguma generalização, sob a alcunha de “sociologia pragmática” ou “nova

sociologia francesa”, essas novas formas de abordagem lograram um lugar de destaque não apenas no círculo acadêmico mais estrito dos sociólogos, mas também na própria cena intelectual francesa. Um dos responsáveis por tal feito foi, sem dúvida, o livro de Luc Boltanski e Ève Chiapello, *O Novo Espírito do Capitalismo*; publicado em 1999 na França e, finalmente, após dez anos de sua publicação, traduzido no Brasil.

¹ Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Graduado em Ciências Sociais (Licenciatura plena) pela mesma universidade. Atualmente, é docente de Sociologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), pesquisador do Núcleo de Estudos Críticos em Subjetividades e Direitos Humanos (NUECS-DH). Foi pesquisador-visitante no Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA - DF) entre 2015 e 2016 e professor de Sociologia na Rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Norte

² Entre elas destacam-se as elaboradas por Luc Boltanski e Laurent Thévenot no contexto do Grupo de Sociologia Política e Moral (GSPM) e por Bruno Latour e Michel Callon no Centro de Sociologia da Inovação da École de Mines de Paris. Em linhas gerais, a primeira dedica-se a analisar como os atores lançam mão de princípios de justiça e valores gerais para orientar e justificar suas ações e seus apelos em situações sociais concretas de denúncia, litígios e desacordos com outros atores, com a opinião pública, com o conhecimento expert, nas quais a grandeza relativa das pessoas e dos argumentos está em prova. (BOLTANSKI; THÈVENOT, 1991). O segundo programa, por sua vez, intitulado como sociologia das redes sóciotécnicas ou teoria do ator-em-rede, sustenta-se numa ideia de simetria ainda mais radicalizada que a primeira. Ela busca estabelecer como a coordenação da ação e a construção de coletivos dependem de um conjunto heterogêneo e simétrico de elementos humanos e não-humanos (LATOURE, 2005). Para uma discussão e maiores detalhes das duas abordagens ver: VANDERBERGUE, Frédéric. Construção e crítica na nova sociologia francesa. 2006.

De fato, o seu impacto extrapolou os muros da comunidade universitária francesa, e, apesar de sua densidade teórica e suas mais de 800 páginas – na edição original –, alcançou o grande público, tornando-se um verdadeiro sucesso de vendas nos seus primeiros meses de lançamento. Somados a essas pequenas curiosidades, a pompa e a ambição carregadas no título encham, de imediato, o leitor de expectativa e surpresa. Afinal de contas, não custa lembrar, a paráfrase remete a nada mais do que a um dos principais clássicos das Ciências Sociais; *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, do sociólogo alemão Max Weber.

O livro de Boltanski e Chiapello é bem mais do que os seus aspectos anedóticos. Não seria exagero resenhista, para seduzir o leitor, afirmar que *O Novo Espírito do Capitalismo* (2009) – daqui em diante NEC – retoma a vocação original dos clássicos da sociologia. Quer dizer, aquela vocação dos “pais fundadores” de diante às exigências e à singularidade do presente, e movidos por uma poderosa inquietação intelectual, tomar como tarefa irrecusável a interpretação profunda de “nosso tempo”.

É nesse sentido que NEC aborda *as mudanças ideológicas que acompanham as recentes transformações do capitalismo* como a chave interpretativa mediante a qual se pode apreender o “espírito de nosso tempo”, ou, nos termos mais apropriados ao léxico dos autores, a *gramática moral* de nossa época. Aliás, a presença dos clássicos no NEC não se esgota na apropriação desse legado inspirador. No desenvolvimento da obra, temas fundantes da sociologia afivelam-se, de forma decisiva, aos assuntos principais do livro:

crítica do capitalismo, ideologia, classes sociais, exploração, egoísmo, anomia, burocracia, racionalidade, tipo ideal e, obviamente, espírito do capitalismo, são alguns dos temas e conceitos basilares da disciplina que são tratados com engenhosidade e rigor pelos autores.

Boltanski e Chiapello propõem, com efeito, uma interpretação das modificações da organização das formas de acumulação e do trabalho capitalistas entre 1968 e 1995 –, qualificada por outros autores como formas flexíveis (HARVEY, 1992; SENNETT, 2005) –, relacionando-as com os movimentos de oscilação da crítica anticapitalista e suas reivindicações no mesmo período (BOLTANSKI E CHIAPELLO, 2009, p. 33).

No descompasso entre capitalismo e crítica, radical, não sem perplexidade sociológica e indignação política, a razão de ser do livro, qual seja: compreender como, durante o último quartel do século XX, emergiu e se desenvolveu uma nova narrativa moral do engajamento capitalista, não apenas sem a contrapartida da atuação e resistência da crítica, mas que incorporou e gestou-se em cima dos conteúdos e exigências de autonomia, autorrealização significativa e autenticidade, reivindicadas pela então hegemônica e estrondosa crítica estética de Maio de 68 contra a ordem social vigente. Tais reivindicações e apelos normativos foram, dentro da empresa e da formação dos novos executivos, segundo Boltanski e Chiapello, utilizadas contra o modelo da grande empresa industrial-burocrática e produtivista-fordista.

De um modo geral, podemos dividir o livro em quatro partes, e

resumi-las da seguinte forma: na primeira, a apresentação das bases teóricas e dos instrumentos conceituais para a construção de um modelo de análise macrossociológico da evolução do capitalismo, baseado nos conceitos de “crítica” e “espírito do capitalismo”; a segunda parte, num viés mais empiricamente fundamentado, consiste na investigação conjugada da emergência do “novo espírito do capitalismo” – definido pelo discurso empresarial das redes, da flexibilidade e dos projetos – e do esbamento da crítica anticapitalista; num terceiro momento, Boltanski e Chiapello analisam e discutem as transformações institucionais e as consequências sociais e políticas derivadas desse capitalismo regenerado e relativamente livre da vigilância da crítica; por último, num momento mais político e antifatalista da obra, os autores exploram as possibilidades de reconstrução da crítica, em seu registro mais estético ou social, contra este capitalismo conexcionista, o qual, em seu espírito e racionalidade próprios, os autores dedicaram-se ao longo das páginas a descrever e analisar.

NEC pode ser lido como um sofisticado e denso esforço para problematizar a dimensão institucional e moral da reprodução, transformação e legitimação do capitalismo em diferentes momentos históricos de sua organização de acordo com a relação dinâmica, dialética e pragmática deste último com a crítica anticapitalista – tomando as críticas contraculturais de Maio de 68 como um caso paradigmático nessa relação. Para dar conta do objetivo destacado, é imprescindível enfrentar duas questões

cruciais: por um lado, como o capitalismo consegue mobilizar a ação comprometida dos atores que são indispensáveis à formação dos lucros e à organização do trabalho, e, de outro, como explicar a dinâmica histórica das drásticas mudanças nas formas institucionais de organização da empresa capitalista e dos processos de acumulação e obtenção de lucro.

No tratamento dessas questões reside, sem dúvida, não somente o valor, a originalidade e a ambição analítica de NEC, mas sua heterodoxia. E é na radical heterodoxia de sua resposta a este duplo enigma do capitalismo, quais sejam, seu poder de mobilização das energias e competências humanas e sua incrível capacidade de renovação, que Boltanski e Chiapello trabalham e tiram proveito máximo do conceito de *espírito do capitalismo*.

Como, então, este conceito pode responder a este duplo enigma, e, deste modo, iluminar duas das maiores opacidades do capitalismo? Para os autores, o conceito de espírito do capitalismo proporciona articular numa mesma dinâmica histórica, de forma teórica e empiricamente delimitada, os conceitos de capitalismo e crítica.

A partir de uma *definição mínima* de capitalismo, que “ênfatisa a exigência de acumulação ilimitada do capital por meios formalmente pacíficos” (p. 35), os autores chamam a atenção para o caráter absurdo e amoral do capitalismo. Este, por si só, “[...] não pode encontrar em si mesmo nenhum recurso para fundamentar motivos de engajamento [...]” (p. 53).

A sustentação da ordem capitalista não pode ser obtida apenas em função do recurso à força, à necessidade ou

à promessa de benefícios materiais. Nesses termos, a mobilização dos atores e das energias necessários para manter continuamente acesa a acumulação de lucros, do capital e à gestão das instituições econômicas seria, quase sempre, um processo demasiadamente incerto, conflituoso e dispendioso. Por isso, o engajamento capitalista exige, segundo Boltanski e Chiapello, a incorporação por parte dos atores de modos de ação, disposições e estilos de vida intimamente afeiçoados com o processo de acumulação vigente. Ou seja, um envolvimento subjetivamente convicto com o cosmos capitalista.

O espírito do capitalismo atua precisamente neste ponto, como sustentáculo, um repertório de crenças significativas e noções legitimadoras que visam suprir a carência de sentidos e motivações morais fortes do capitalismo, para angariar, de forma justificada e atraente, o engajamento dos atores na empresa capitalista. A eficácia da adesão à empresa capitalista depende da capacidade do espírito do capitalismo de criar uma vinculação subjetiva e motivacional entre os atores e o processo de acumulação, fundamentado em “razões para participar do processo de acumulação ancoradas na realidade cotidiana e diretamente relacionadas com os valores e as preocupações daqueles que convém engajar” (p. 54).

Isto quer dizer, dotar o engajamento com razões pessoais – autorrealização e benefícios para si e para os filhos – e com razões de bem comum – referência à princípios de justiça e contribuições de validade geral – capazes de, a um só tempo, convencer os atores acerca da validade, justiça e atratividade do compromisso

com o capitalismo e justificá-lo contra às acusações e às críticas por seu envolvimento com a ordem capitalista (p. 48).

No entanto, falta, ainda, outra peça para o funcionamento do que poderíamos chamar da *economia moral do capitalismo*. Esta peça é a crítica anticapitalista.

Como Marx, Sombart ou Weber, também Boltanski e Chiapello estão interessados nas “forças motoras” do capitalismo e de seus agentes. Ao contrário dos primeiros, seu interesse principal, nesse sentido, não recai, em última instância, sobre o desenvolvimento das forças produtivas, a luta de classe, os atributos psicológicos e sociais distintivos e impulsionadores do sujeito econômico ou a ética econômica singular do capitalismo. Interessa-os, sobretudo, esclarecer as condições normativas de engajamento e da mudança institucional no capitalismo.

Para os autores do NEC, um dos motores mais poderosos do desenvolvimento histórico do capitalismo é a crítica contra o capitalismo. Ela coloca em xeque, ou no vocabulário de Boltanski e Chiapello, põe à *prova* o sistema de justificação e legitimação sobre o qual o capitalismo se apóia para mobilizar a força de trabalho e o compromisso subjetivamente convicto dos atores com o processo de acumulação em um dado momento histórico. Ao realizar isso, ao confrontar o espírito do capitalismo e sua *ordem de grandeza*, seu princípio de justiça dominante com reivindicações e acusações que podem desestabilizar estas últimas, a crítica, com efeito, obriga o capitalismo a se justificar, reforçar ou deslocar suas bases normativas e axiológicas, isto é, os princípios de

justiça e os tipos de bens comuns à serviço dos quais ele diz estar e cumprir.

Na tematização da crítica anticapitalista, Boltanski e Chiapello distinguem dois tipos-ideais de formas-críticas por meio das quais, historicamente, o capitalismo foi duramente confrontado e posto em xeque. Elas são caracterizadas segundo as *fontes de indignação* que mobilizam enquanto base normativa de suas denúncias e censuras à ordem capitalista e sua forma de vida. O tipo de crítica cujo acento recai sobre o caráter inautêntico e opressor da autonomia e da criatividade do capitalismo, os autores intitulam de “crítica estética”. Enquanto aquela cujas fontes de indignação contestam as consequências de miséria, desigualdades, oportunismo e egoísmo produzidas pelo sistema capitalista, é qualificada de “crítica social”.

Crítica e capitalismo testam-se mutuamente. Desafiam-se acerca da validade de seus princípios de justiça e legitimidade numa relação de prova recíproca, tensa e dinâmica. A mudança social e a transformação histórica das formas de acumulação capitalista são interpretadas à luz das mutações do espírito do capitalismo provocada pelo conflito entre a crítica e a organização capitalista. No modelo analítico desenvolvido no livro, a crítica possui, portanto, um papel catalisador para as mudanças do espírito do capitalismo (p. 61). Mudanças estas que precipitam, amalgamadas nas formas de organização das atividades econômicas, uma nova narrativa moral justificadora do engajamento prático e convicto na empresa e acumulação capitalista.

A inspiração histórica e sociológica dessa tese heterodoxa repousa na

identificação de um duplo e concomitante processo, cujo recorte empírico privilegiado é a França de 1968 a 1995: primeiro, as intensas mudanças do capitalismo observadas após as críticas contraculturais de Maio de 68 e, segundo, o esbatimento da crítica anticapitalista (de movimentos sociais, sindicatos, intelectuais, vanguardas artísticas e políticas) durante este processo de transformação das formas de acumulação e organização das relações de trabalho e da empresa capitalistas.

A incorporação das “demandas estéticas” e sentidos de justiça reivindicados pela crítica de 68 fez com que o trabalho de gestão e o processo de produção tivessem de, então, no interior da empresa, ser profundamente reorganizados. Assim, autorrealização significativa, criatividade e liberdade no trabalho passam a ser “valores” indispensáveis na nova Literatura de Gestão & Negócios para executivos e administradores. Um novo discurso empresarial, então, emerge; o qual “constitui hoje a forma por excelência na qual o espírito do capitalismo é incorporado e oferecido como algo que deve ser compartilhado” (p. 46). Nele, as fontes de entusiasmo para a conquista dos corações e mentes dos novos gestores baseiam-se nas ideias e exigências de maior abertura da empresa ao modelo da rede, à flexibilidade, à autonomia, à realização individual e à liberação intelectual e criativa em relação à hierarquia, à autoridade, à certeza nas carreiras e ao funcionamento burocrático do antigo modelo.

Para Boltanski e Chiapello, este novo discurso da gestão empresarial é definido por uma lógica de referência e princípio de organização que os autores

qualificam de *regime de projetos*. A partir da leitura e análise comparativa dos prescritivos manuais de gestão empresarial dos anos 60 e 90 do século XX, os autores recolhem não somente as características essenciais do *regime de projetos*, base do *modus operandi* do *capitalismo conexio-nista* atual, como, também, reconstroem o novo espírito do capitalismo.

Se, conforme a epígrafe do perspicaz sociólogo Richard Sennett, o novo capitalismo é, por vezes, ilegível, NEC, por sua vez, representa um significativo passo adiante para reverter tal quadro. Eis, a um só tempo, o convite imprescindível para leitura do livro e o seu maior mérito. Perder uma alternativa explicativa encorpada e sofisticada como a proposta pelo livro de Boltanski e Chiapello significaria continuar aquém dos desafios e questionamentos que o capitalismo contemporâneo não para de nos colocar.

REFERÊNCIAS

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BOLTANSKI, Luc; THEVENOT, Laurent. **De la justification: les économies de la grandeur**. Paris: Gallimard, 1991.

LATOUR, Bruno. **Reassembling the social: an introduction to actor-network theory**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna: ma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

VANDERBERGUE, Frédéric. Construção e crítica na nova sociologia francesa. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 21, n. 2, p. 315-366, mai./ago. 2006. Disponível em: <inserir endereço eletrônico>. Acesso em: inserir data de acesso ao periódico. Ex.: 1 nov. 2015.